

REVISTA COLETIVO CINE-FÓRUM

RECOCINE | v. 2 - n. 2 | mai-ago | 2024 | ISSN: 2966-0513

Estela Fiorin

<https://orcid.org/0000-0002-8125-6547>

Mestranda em Estudos da Linguagem (Literatura, Memória e Identidade), pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. E-mail: estelafiorinconsultoria@gmail.com.

Master's student in Language Studies (Literature, Memory, and Identity) at the Graduate Program in Language Studies at the Federal University of Catalão. E-mail: estelafiorinconsultoria@gmail.com.

Alexander Meireles da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-2742-2209>

Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Associado da Universidade Federal de Catalão. e-mail: alexmeireles@ufcat.edu.br

PhD in Comparative Literature from the Federal University of Rio de Janeiro. Associate Professor at the Federal University of Catalão. E-mail: alexmeireles@ufcat.edu.br.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

BLADE RUNNER: A FICÇÃO CIENTÍFICA CYBERPUNK COMO INSTRUMENTO DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

RESUMO

O aumento dos índices de violência contra a mulher que se transformam em feminicídio ainda causam repúdio apesar dos avanços no setor legislativo em promulgar leis e punições mais duras. Nesse contexto, a nova geração precisa estar no foco da sociedade para que seja destacado os princípios de responsabilidade social e empatia, para além do cumprimento da legislação. Nesse contexto, a Ficção Científica, uma das vertentes da Literatura Fantástica, é capaz de promover reflexões sociais que envolvem a ciência e a vida dos sujeitos devido à extrapolação ou criação de situações que expõem as relações como frágeis e abusivas. Assim, esta pesquisa tem por objetivo principal comprovar como a Literatura Fantástica por ser usada para o debate acerca das relações de gênero na contemporaneidade, especialmente por sua penetração junto ao universo etário escolar. Assim, espera-se comprovar que a Literatura Fantástica, especificamente a Ficção Científica Cyberpunk, pode ser utilizada como recurso facilitador no trabalho educativo que envolva temas de relevância social, como as questões de gênero e a violência contra a mulher. Para tanto, a pesquisa foi realizada com metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico-documental, que seguiu por análises acerca das questões de gêneros inseridas na Ficção Científica Cyberpunk para que, posteriormente, fosse analisado o filme Blade Runner, no intuito de explorar sua narrativa no que tange às questões de gênero. Por fim, foram elaboradas e apresentadas estratégias que abordaram a conscientização sobre a violência contra mulher através da exibição de cenas do filme. Como resultado, foi possível demonstrar que o gênero Ficção Científica pode ser utilizado como ferramenta educacional em turmas do Ensino Médio na discussão sobre a violência contra mulher e relacionamentos abusivos.

Palavras-chave: Ficção Científica. Blade Runner. Educação. Violência Contra Mulher.

BLADE RUNNER: CYBERPUNK SCIENCE FICTION AS A TOOL TO COMBAT VIOLENCE AGAINST WOMEN

ABSTRACT

The increase in the rate of violence against women, which has turned into femicide, still causes outrage despite progress in the legislative sector in enacting tougher laws and punishments. In this context, the new generation needs to be society's focus so that the principles of social responsibility and empathy are highlighted, in addition to compliance with legislation. In this context, Science Fiction, one of the strands of Fantastic Literature, can promote social reflections that involve science and the lives of individuals due to the extrapolation or creation of situations that expose relationships as fragile and abusive. Thus, the main objective of this research is to prove how Fantastic Literature can be used to debate gender relations in contemporary times, especially because of its penetration of the school-age universe. We hope to demonstrate that Fantastic Literature, specifically Cyberpunk Science Fiction, can be a facilitating resource in educational work involving themes of social relevance, such as gender issues and violence against women. To this end, the research was carried out using a qualitative, bibliographic-documentary methodology, which followed an analysis of the gender issues inserted in Cyberpunk Science Fiction so that, later, the film Blade Runner could be analyzed to explore its narrative about gender issues. Finally, strategies were developed and presented to raise awareness of violence against women by showing scenes from the movie. As a result, it was possible to demonstrate that the science fiction genre can be an educational tool in high school classes to discuss violence against women and abusive relationships.

Keywords: Science Fiction. Blade Runner. Education. Violence Against Women.

INTRODUÇÃO

Este texto é uma versão estendida e revisada do Trabalho de Conclusão de Curso “*Andróides Em Blade Runner: a ficção científica cyberpunk como ferramenta educacional de combate ao assédio*”, apresentado em 2021, pela então graduanda Estela Fiorin, levando atualmente ao desenvolvimento do trabalho de Mestrado pela mesma autora na dissertação em andamento intitulada *Da Autômata Olímpia À Ciborgue Ava: a representação da violência feminina como ferramenta de subversão de gênero*. Ambos os trabalhos de pesquisa foram orientados pelo Professor Doutor. Alexander Meireles da Silva.

O presente estudo tem por objetivo principal comprovar como a Literatura Fantástica pode ser usada como instrumento de debate acerca das relações de gênero na contemporaneidade, especialmente por sua penetração junto ao universo etário escolar. Para tanto, a pesquisa irá utilizar a adaptação cinematográfica da novela de Philip K. Dick, *Do androids dream of electric sheep?* (1968), o filme *Blade Runner* (1982), com o propósito de propor estratégias destinadas à conscientização e discussão contra a violência contra a mulher para serem aplicadas em sala de aula.

Além disso, este artigo tem como objetivos específicos demonstrar como os andróides podem ser utilizados na representação de símbolo do corpo feminino em debates sobre a temática e apresentar como o filme *Blade Runner* pode ser aplicado no ambiente escolar como forma de contextualizar a discussão acerca da violência indireta. Por fim, pretende-se propor a elaboração de uma atividade de escrita de um texto dissertativo-argumentativo, a ser realizada por alunos de Ensino Médio, cujo tema principal seja a análise de conteúdo motivador e proposta de intervenção para a problema debatido.

Diante disso, esta pesquisa se justifica pela percepção em relação ao modo como a sociedade se posiciona injustamente acerca dos valores morais e éticos. Apesar dos avanços nos âmbitos legislativo e social no que diz respeito aos direitos das mulheres, os altos índices de violência veladas que se transformam em feminicídio ainda assustam¹. Além da criação de leis e punições mais duras, é necessário modificar, principalmente, o modelo de sociedade patriarcal, no qual o homem se configura como a figura central e a mulher é apenas um “esteio”. Com isso, é preciso que as novas gerações se tornem foco da sociedade para que sejam instruídos sobre a responsabilidade social e empatia. Nesse contexto, tem-se a ideia de que a realidade brasileira pode ser transformada por meio da educação, utilizando-se diversas

¹ Ver números sobre feminicídio em 2023 em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia>>.

estratégias como o ensino da literatura fantástica e do cinema por meio do universo *cyberpunk* no cenário escolar, especialmente no Ensino Médio, por envolver a faixa etária entre 14 e 17 anos.

Para tanto, partiremos do princípio proposto por Marleen S. Barr em sua obra *Alien to Femininity: Speculative Fiction and Feminist Theory* (1987) de que a FC é um recurso educacional poderoso por criar utopias críticas e cognitivas, expor a mulher e suas relações como vulneráveis e, dessa forma, causar choque e desconstrução de parâmetros utilizando realidades alternativas de organização sexual e social.

A pesquisa foi realizada com metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico-documental, em que, inicialmente, foi realizada uma análise sobre as questões de gênero inseridas na Ficção Científica (FC) e na FC Cyberpunk. Posteriormente, seguindo a mesma lógica de análise, o filme *Blade Runner* foi explorado para que fosse identificada uma nova leitura acerca das questões de gênero dentro de suas narrativas. Por fim, foram elaboradas e apresentadas estratégias que buscam abordar, conscientizar e desconstruir a temática relacionada à violência contra a mulher por meio da exibição de cenas do filme analisado.

Com base no que foi apresentado, espera-se que seja comprovado que a Literatura Fantástica, especificamente, a Ficção Científica Cyberpunk, possa ser utilizada como ferramenta facilitadora no trabalho de temas de alta relevância social dentro do ambiente escolar, uma vez que as histórias de FC se baseiam na extrapolação e até mesmo criação de novas realidades, por meio do discurso de que a tecnologia e a ciência são capazes de gerar sentimentos como estranheza, tensão e medo. Dessa forma, a vertente do fantástico aqui discutida se posiciona como instrumento de crítica em detrimento de algum movimento polêmico da sociedade, provando, assim, seu valor como ferramenta que promove a criação de argumentos e novas ideias para a discussão e conscientização de temas importantes, como o abordado nesta pesquisa.

A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA FC CYBERPUNK

A Ficção Científica passou por diversas fases ao longo de sua história, e cada uma dessas fases tem sua própria temática e forma de abordar questões diferentes, sempre trazendo às suas narrativas os temas da época, seja refletindo, seja questionando. Além disso, o gênero Ficção Científica é uma das vertentes que habitam o campo do fantástico, tanto na literatura quanto em outras expressões artísticas, como cinema, histórias em quadrinhos, *games* e *role playing games*. Em princípio, podemos considerar que a FC retrata narrativas que exploram extrapolações de teorias científicas, produtos, personagens e espaços vinculados ao

racionalismo, promovendo a reflexão do indivíduo em relação ao mundo, ao outro ou a ele mesmo. No entanto, estabelecer os critérios que definem uma narrativa como FC é uma tarefa complexa, dada a ampla gama de contribuições críticas ao longo da história.

Para Darko Suvin, em *Metamorphoses of Science Fiction* (1979, p. 4), uma obra de FC deve causar no leitor o que ele chama de “estranhamento cognitivo”. Para o autor, a representação estranha nos permite reconhecer um elemento, que, ao mesmo tempo, não nos é familiar, é estranho ao mundo real no qual habitamos. Porém, a simples presença de um elemento que cruze a linha da realidade, por si só, não é suficiente para caracterizar a narrativa como FC. Logo, esse elemento deve estar inserido na narrativa de forma lógica.

Porém, no que diz respeito ao papel das mulheres, como autoras ou personagens, o mundo da FC antes dos anos 60 pode ser classificado como predominantemente masculino (Freedman, 2000, s.p.). Nesse período, a contribuição das mulheres se resumia a importantes participações, porém ocasionais, como a obra *O mundo resplandecente* (1666), de Margaret Cavendish. Será em 1818, com *Frankenstein*, de Mary Shelley, que virá a primeira obra de autoria feminina na qual se identificou o gênero FC. Adam Roberts (2006) afirma que, nesse contexto social, a primeira geração de escritoras de ficção científica retratava o feminino em bases realistas através do senso de solidariedade para com as outras mulheres. Algumas dessas autoras ainda buscavam jogar luz sobre a necessidade de igualdade ao se tratar de seus direitos, articulando o feminismo dentro do gênero.

Mary Shelley retrata, de acordo com Rocque e Teixeira (2001), as personagens femininas de acordo com os traços que caracterizavam o papel da mulher na sociedade patriarcal do século 19: abnegadas, sentimentais e ocupando posições sociais dedicadas ao lar. Quanto aos homens, a eles era confiado o papel de guardiães da razão e do intelecto, corroborando a concepção masculina do trabalho científico.

Robin Anne Reid (2009) afirma que a representação realista do universo feminino em *Frankenstein* ilustra as personagens como meras coadjuvantes, porém sem deixar de lado a crítica feminista às relações de poder e atribuição de papéis de gêneros diferenciados. Esse fato antecipa alguns dos questionamentos abordados pela segunda onda feminista, movimento com início datado entre o fim de 1960 e início dos anos 70, por sua vez inserido na fase da FC chamada de “Nova Onda”.

É importante ressaltar que a explicação mais comum sobre a evolução do movimento feminista ao longo da história faz menção a diferentes períodos e reivindicações das mulheres, chamados de “onda do feminismo”. Segundo Abreu (2002), a primeira onda se iniciou entre o

fim do século XIX e início do século XX com exigências das mulheres pelo direito à plena cidadania através do voto.

Já a segunda onda surgiu a partir do radicalismo da década de 1960, e lutou não apenas focada no gênero, mas também na interseccionalidade entre diversos assuntos como classe, raça, sexualidade, serviço doméstico, reprodução, violência contra mulheres, entre outros (Fraser, 2019). A Nova Onda foi um movimento em que escritores e escritoras passaram a fazer experimentações estilísticas e temáticas, incorporando temas ligados a outras ciências, como a Linguística, Psicologia, Religião, História, dentre outros campos do saber. De acordo com Amaral (2004), a tecnologia aparece integrada à vida cotidiana, gerando o medo da perda da identidade humana em meio aos avanços tecnológicos que é, por sua vez, revelado pela FC. A pesquisadora ainda acrescenta que as narrativas, violentas e sexualizadas, carregavam um tom pessimista sobre as fronteiras da realidade, as relações de poder e os elementos tidos como constitutivos do ser humano.

Todavia, impulsionados pela revolução sexual contemporânea, os escritores e escritoras da Nova Onda passaram a retratar não só a (re)construção do papel da mulher na sociedade, mas a explorar, também, a sexualidade e o erotismo. A primeira heroína de FC dos cinemas surge em um contexto de liberdade sexual e feminismo. *Barbarella* é um filme de 1968, dirigido por Roger Vadim e estrelado por Jane Fonda, adaptado dos quadrinhos de Jean-Claude Forest, em que uma mulher jovem, bonita e sensual protagoniza aventuras corajosas.

No filme, como cita Saffou (2015), apesar da objetificação da protagonista, a quebra de tabus prevalece, pois dentre suas batalhas, *Barbarella* vê o despertar do seu desejo sexual, vive uma experiência lésbica e causa a destruição de uma máquina chamada *Orgasmotrom*, desenvolvida por um cientista para matá-la por excesso de prazer. O episódio envolvendo *Orgasmotrom* tornou-se um ícone para representação do prazer cibernético na FC, ainda que comandado por um homem – o cientista – e criado com o objetivo de matar a personagem de Jane Fonda.

O erotismo na FC da Nova Onda retrata a sexualidade de uma maneira particular ou, como Heldreth (1986) definiu, experimentação sexual sem as limitações impostas pela realidade, além do sexo na Terra. Isso acontece porque a biotecnologia permite meios de interação sexual e reprodução assexuada entre essas espécies diferentes, estreitando ainda mais a relação homem-tecnologia, confundindo os limites entre corpos humanos, tecnologia e outras espécies (Reid, 2009).

Na década de 1980 até o final do século XX, a terceira onda surgiu focada nas questões de reconhecimento das relações de gênero e a diversidade dentro do próprio movimento (Ferreira et al., 2022). Esse cenário sociopolítico, então, marcou conquistas para o movimento feminista e isso passou a ser retratado por autores e autoras da FC nos anos 70 a 80. O questionamento ao sexismo e à desigualdade social passou a ser mais ativo ao deixar de lado a representação realista da opressão vivida pelo sexo feminino, dando espaço à liberdade criativa de se criar situações e circunstâncias para se colocar à mulher.

Foi nesse contexto de movimentação, nos Estados Unidos dos anos 80, que a FC viu o início desse novo subgênero que, dentro do contexto finissecular, desloca as narrativas utópicas para a distopia do caos urbano altamente tecnológico. Essa imersão no mundo cibernético resulta diretamente no cyberpunk. Nesse cenário, as promessas da visão da tecnologia como solucionadora dos problemas sociais não se realizam, mantendo a baixa qualidade de vida de grande parte da população, algo resumido na ideia do *High Tech vs Low Life* (Lemos, 2004).

Na ficção cyberpunk, a tecnologia passa a integrar, substituir partes ou até mesmo a reproduzir o corpo humano por completo, nascendo novas formas de vida, tais quais os ciborgues, seres que mesclam partes orgânicas e mecânicas, ou andróides, seres mecânicos criados com a aparência semelhante à do humano. McCarron (1996) define que a interação entre o homem e a máquina, além de indissociável, apresenta-se como elemento central na narrativa cyberpunk.

Neste cenário, a estudiosa Judith Butler (2003) observa que a cultura tem o poder de significar e valorizar a desigualdade social entre os sexos através da concepção de gêneros binários, bem como da naturalidade do desejo heterossexual. Como o que é tomado por natural é difícil de ser questionado, simplesmente por existirem, as narrativas de FC, com seu caráter fantástico, questionam estigmas, relações de poder e interações sociais de qualquer natureza.

Nesse sentido, para a FC, a inserção dessas novas formas de vida pós-humana em suas narrativas traz implicações teóricas e práticas para o debate, como Amaral (2004) exemplifica: na teoria, quando relacionada à construção da organização social, bem como às subculturas e aos estilos de vida alternativos; e, na prática, atuando pela diminuição da diferença entre animais, humanos, andróides, entre outros.

O texto de Donna Haraway, *A Cyborg Manifesto* (1989), é relacionado quando se trata do estudo das formas de vida da narrativa cyberpunk, principalmente abordando questões concernentes à identidade de gênero. Para a pesquisadora, a FC usa de metáforas e noções de identidade sexual que são muito importantes para o entendimento do mundo atual. Ela ainda

acrescenta que “os ciborgues são um mapeamento ficcional da nossa realidade social e corporal, além de uma fonte imaginativa que sugere algumas associações muito frutíferas” (Haraway, 1989, p. 244).

Uma dessas associações, mais precisamente entre a figura do ciborgue e de que forma ele representa a subjetividade feminina, é de grande interesse a este estudo. Seguindo a linha de estudo de Haraway (1989), o ciborgue é um híbrido tanto no quesito homem-máquina quanto no quesito masculino-feminino, por isso é a chave para a quebra de conceitos como a oposição entre homem e mulher.

Nesse sentido, Silva (2019) explica que as figuras fantásticas, como os ciborgues e andróides, ao existirem na narrativa, têm a função de apresentar, e não apenas ser, o motivo causador de estranhamento. Para exemplificar este conceito, o pesquisador cita a cena do filme *Alien, o Oitavo Passageiro* (1979), em que o personagem Kane “dá à luz” ao predador, simbolizando a violação sexual masculina. Essa abordagem do elemento sexual, deslocada do feminino para o masculino, revela a interação entre cognição e sensação de estranhamento e caracteriza a obra como FC, ou seja, a ficção científica precisa romper com a realidade conhecida e confortável para que incomode seu espectador. Portanto, é importante analisar como a questão de gênero é abordada nas obras de FC, para o posterior desenvolvimento de estratégias para o combate à violência contra a mulher na contemporaneidade.

Outro aspecto muito importante a se trazer à discussão é a componente inteligência artificial, que ao mesmo tempo em que aproxima os ciborgues de obter sua humanidade, também os afasta ainda mais do humano. A engenharia genética e a inteligência artificial criam corpos idênticos ao corpo humano, preenchido com biotecnologia que, de alguma forma em particular, potencializa o poder do corpo cibernético, mas também lhe dá traços do conflito humano de ordem existencial. Tal fato pode ser observado nos andróides do filme *Blade Runner*, chamados replicantes, que evidenciam vários dualismos importantes como homem-máquina, mente-corpo, homem-mulher, conforme será analisado em mais detalhe neste artigo.

ANDROIDES E O PAPEL DO FEMININO EM *BLADE RUNNER*: CAÇADOR DE ANDROIDES

Blade Runner: Caçador de Andróides é uma adaptação para o cinema da novela *Do androids dream of electric sheep?*, de Philip K. Dick. O filme, dirigido por Ridley Scott, de acordo com Puhl e Amaral (2008), é uma narrativa de dualidades que se opõem e se complementam. Essa afirmação é comprovada se for observado que a trama apresenta as interações humana e mecânica como indissociáveis, porém conflituosas, em um jogo de

hierarquias que não possibilita saber quem responde a quem: o humano à máquina ou o contrário. Featherstone e Burrows (1996) ainda complementam essa ideia ao colocarem as novas tecnologias como ferramentas de escape a esses dualismos, porque superam os limites do corpo humano físico, abrindo um campo de possibilidades que transcendem questões como identidade de gênero, por exemplo.

Em 2019, Los Angeles sofria com a escassez de recursos e altos níveis de poluição no planeta Terra e isso obrigou a raça humana a agir: a solução era realizar a exploração e colonização espacial. O Off-World (espaço) era um lugar hostil aos humanos e vidas tinham altos custos para as empresas. Por isso, a Tyrell Corp inventou a ciência da replicação para atender essa demanda. Até que, então, os andróides iniciaram uma rebelião na colônia e quatro deles fugiram para a Terra com o objetivo de prolongar suas vidas: Roy, com o perfil para ações militares; Pris e Zohra, voltadas à prostituição; e Leon, desenvolvido para matar.

Os replicantes possuíam aparência física idêntica aos humanos e eram mais fortes e ágeis. Os problemas eram a instabilidade emocional, a empatia reduzida e o comportamento agressivo. Eles foram programados para terem um período de vida limitado de apenas 4 anos. O Nexus-6 foi último modelo de replicante produzido pela corporação. Eles eram mais eficientes e inteligentes que os modelos anteriores.

“*More human than human*” era o slogan da Tyrell Corp, a empresa *hich-tech* que produzia replicantes no filme *Blade Runner*. Cada vez mais humanizados, recebiam implantes de memória de um ser humano real, com o objetivo de gerar respostas emocionais verossímeis e de exercer controle sobre eles. Uma das falas de Tyrell no filme diz: “Se nós lhe damos um passado, nós criamos um colchão ou um travesseiro para suas emoções e nós podemos controlá-los melhor” (*Blade Runner*, 1982). A memória, então, atua de maneira importante na narrativa, pois é uma fonte para a geração da identidade dos personagens, induzindo ainda mais dúvida e complexidade ao dualismo homem-máquina (Featherstone; Burrows, 1996). Rachel era uma Nexus-6, que, por sua vez, habitante da Terra, possuía funções afetivas e desconhecia sua condição enquanto andróide.

Outro importante personagem é Deckard, o caçador de andróides acionado para capturar e matar os replicantes rebeldes. Seu encontro com Rachel desencadeia questionamentos existenciais importantes para a trama quando Deckard aplica a ela um teste capaz de revelar a verdadeira identidade do analisado, seja humano ou andróide. Nesse momento, ela toma conhecimento de sua verdadeira natureza, ao passo que instaura dúvidas em Deckard ao levantar a questão sobre ele mesmo ser um replicante. São deixadas dúvidas quanto à identidade

dos personagens, que se ramificam em outra dúvida: o critério que define ser ou não ser humano.

A vida dos replicantes e sua relação com a vida humana revelam subjetividades não atreladas ao corpo físico (carne e osso), que podem ser entendidas sob um viés de entrelaçamento entre os quesitos cultural, social e tecnológico (Featherstone; Burrows, 1996). Por meio da natureza questionadora do homem-máquina, é possível observar a representação feminina da tecnologia em *Blade Runner*. Puhl e Amaral (2008) apontam e explicam a presença de três características no filme, que evidenciam a analogia do ciborgue com a identidade feminina:

- 1) Submissão: na narrativa, os andróides são escravizados, controlados pela relação de poder com os humanos, assim como as mulheres ainda são reféns do controle exercido por figuras masculinas em diversas culturas;
- 2) Sentimentos: a sensibilidade, um traço normalmente relacionado à feminilidade, faz parte da construção da identidade de Roy mediante a sua relação com os outros replicantes;
- 3) Alteridade: a alteridade em *Blade Runner*, ou seja, o que é distinto e representa uma oposição, é o confronto entre homem e inteligência artificial, assim como a identidade feminina é a alteridade do masculino, desencadeando questionamentos, como a relação entre Rachel e Deckard.

Para além, e muito importante para essa pesquisa, a figura do personagem Deckard e sua relação com os replicantes é a própria afirmação do poder masculino sobre o feminino, principalmente com relação a Rachel, com quem ele desenvolve maior proximidade. Em uma de suas cenas juntos, o personagem comete uma forma de violência contra Rachel: ao descobrir que é uma replicante, ainda muito fragilizada, procura por Deckard que, bêbado, tenta beijá-la e é rejeitado. Então, ele fica nervoso e a persegue até a porta, jogando-a contra a janela e beijando-a à força ao som de uma trilha sonora romântica. A cena é rodeada por uma violência implícita, e, assim, o público é incentivado a se deixar levar pelo clima supostamente sedutor da situação. Em determinado diálogo nessa cena, Deckard faz com que Rachel repita que ela o quer, obrigando a personagem a consentir com a violência: “Agora, você me beija. Diga ‘me beije’” (*Blade Runner*, 1982). Fica clara então, a expressão de poder masculino sobre a figura feminina.

A relação dos andróides de *Blade Runner* entre si evidencia a visão de Haraway (1989) quanto aos ciborgues e seu papel na desconstrução do contexto sociocultural dualista, baseada

na transformação das relações sociais. As novas formas de vida das narrativas cyberpunk problematizam *status* e definem novos níveis de subversão às relações de poder existentes, que são fortalecidas, dentre outros fatores, pela diferença de gêneros. Por fim, Puhl e Amaral (2008) complementam, ao acrescentar que o gênero híbrido do androide, porém afinado com o feminino, desloca o eixo das relações de poder de gênero do dualismo para a dialética nos debates de temas definidos pela dominação proposta pela superioridade do gênero masculino.

Para além da importância do questionamento sobre a dualidade do masculino-feminino em relação ao homem-máquina, temos, no filme, a clara superioridade do homem em relação ao feminino, como ainda persiste, mesmo após as lutas das ondas do feminismo, na sociedade patriarcal. Por isso, nesta pesquisa, a seguir, trazemos uma proposta de atividade para o Ensino Médio, de modo a promover o debate, a partir da ficção científica cyberpunk, sobre a violência contra a mulher.

A FC CYBERPUNK COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

De acordo com os estudos realizados até aqui, sobre a FC cyberpunk e a violência demonstrada pelo filme *Blade Runner*, observa-se que, a partir do filme, é possível trabalhar com o tema “violência contra a mulher” em sala de aula. Ao pensar na possibilidade, surge o questionamento: por quê? De início, tem-se a sala de aula como ambiente de formação: em um primeiro momento, de formação acadêmica, em que os estudantes aprenderão o que consta na grade curricular exigida pelos órgãos da Educação; mas, por outro lado, a escola se faz um local adequado para a convivência e para o aprendizado pessoal e social do cidadão.

Por tudo isso, propõe-se a utilização do filme em sala de aula através de uma atividade de redação envolvendo a exposição da cena em questão e a leitura de textos para embasar e inspirar ideias e argumentos. Neste caso, como a proposta pensada é direcionada ao Ensino Médio, que, desde o primeiro ano já se prepara para o Enem, a intenção inicial é a de que o gênero solicitado seja o dissertativo-argumentativo, embora outros gêneros, como crônica, relato, carta, entre outros, também tenham suas relevâncias ao tratarem sobre o assunto. O texto dissertativo-argumentativo (texto D.A.), por seu turno, exigirá que o aluno tenha não somente uma bagagem de conteúdo sobre a temática, como também argumentos pontuais e convincentes sobre isso (Fernandes, 2019, p. 5).

O texto D.A, via de regra, possui competências a serem seguidas pelo escritor da redação, como: norma padrão da língua portuguesa, adequação ao tema e ao gênero, habilidades de argumentação, elementos coesivos e proposta de intervenção que solucione a problemática

apresentada no decorrer do texto e que não fira os direitos humanos (Brasil, 2023). Por esse motivo, mais do que informações e posicionamentos concretos, será necessário que o aluno dispense uma solução, ou seja, abrange todos os requisitos que a temática solicita ao ser abordada. Então, propõe-se que a atividade se dê da seguinte maneira:

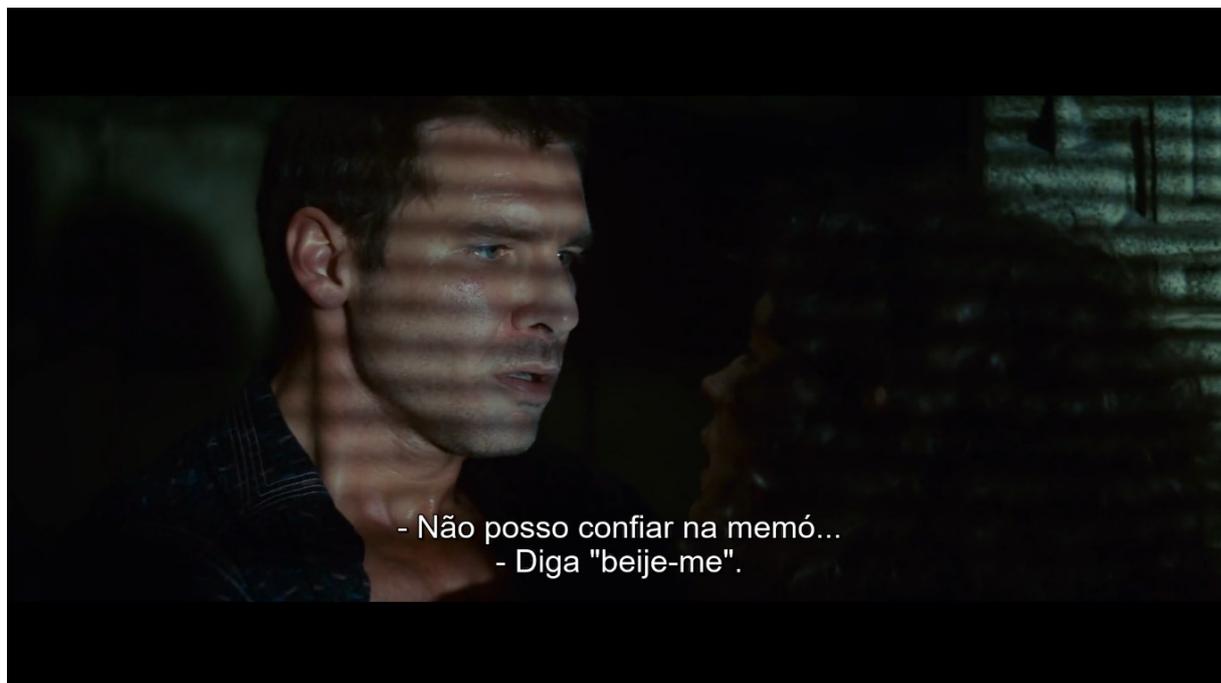
- a) **Exposição da cena do filme em que é demonstrada a violência:** nesse momento, sugere-se a utilização da cena descrita na seção anterior, entre Deckard e Rachel. A escolha se justifica pelo caráter implícito da violência cometida. No início, Rachel se nega a beijá-lo e, ao tentar ir embora, é impedida violentamente por ele. Na cena, alguns elementos caracterizam e ao mesmo tempo romantizam o momento, como, por exemplo, a música. Observa-se que no momento em que Rachel inicia seu movimento para sair do apartamento de Deckard, a música se torna sombria e a violência se inicia. Quando ele se impõe a ela e faz com que ela permita o beijo e até peça para ser beijada, a música romântica começa. O término da cena propõe que houve o envolvimento sexual entre os personagens, e os momentos de intimidade, proximidade e proteção dele para com ela, caracterizam uma situação de violência recorrente nos dias de hoje e que é ainda mais fácil de ser mascarada: aquele cometido na relação entre um casal, por exemplo.
- b) **Proposta de redação:** a proposta conterà textos motivadores, retirados de jornais e revistas on-line, *blogs*, charges e/ou gráficos, que retratem como a violência é vista/lidada na atualidade. A intenção é a de que o aluno tenha faculdade mental para: 1) demonstrar domínio da norma padrão de escrita da Língua Portuguesa; 2) desenvolver o tema explorando seus principais aspectos; 3) selecionar, organizar e relacionar fatos, opiniões e argumentos pertinentes ao tema; 4) articular as partes dos textos, de modo a utilizar elementos coesivos e coerentes; e, 5) elaborar uma proposta de intervenção inovadora, que seja bem articulada com a discussão proposta no decorrer das aulas.

Proposta de redação

A partir da apresentação do trecho da obra cinematográfica **Blade Runner**, da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “**A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira**”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto I

Exibição do trecho do filme (71' – 72'39''), em que Deckard, em uma cena violenta, ordena que Rachel peça seu beijo e diga que o ama. Aqui, serão analisadas a atuação das personagens, tanto a de assediador, correspondente a Deckard, quando a de vítima, relacionada à Rachel, e a trilha sonora correspondente ao momento que, romantizada, naturaliza a cena de violência, fazendo com que o espectador confunda essa violência com sedução e romantismo.



Fonte: Blade Runner (1982)

Texto II**A cada 24 horas, ao menos oito mulheres são vítimas de violência**

No ano de 2023, ao menos oito mulheres foram vítimas de violência doméstica a cada 24 horas. Os dados referem-se a oito dos nove estados monitorados pela Rede de Observatórios da Segurança (BA, CE, MA, PA, PE, PI, RJ, SP).

A informação consta do novo boletim Elas Vivem: Liberdade de Ser e Viver, divulgado nesta quinta-feira (7). Ao todo, foram registradas 3.181 mulheres vítimas de violência, representando um aumento de 22,04% em relação a 2022, quando Pará e Amazonas ainda não faziam parte deste monitoramento. Ameaças, agressões, torturas, ofensas, assédio, feminicídio. São inúmeras as violências sofridas que não começam ou se esgotam nas mortes registradas. Os dados monitorados apontaram 586 vítimas de feminicídios. Isso significa dizer que, a cada 15 horas, uma mulher morreu em razão do gênero, majoritariamente pelas mãos de parceiros ou ex-parceiros (72,7%), que usaram armas brancas (em 38,12% dos casos), ou por armas de fogo (23,75%).

“A mobilização contra o feminicídio e outras formas de violência salva vidas. Nós já perdemos mulheres demais, e ainda perderemos. É a denúncia incansável que preservará a vida de tantas outras”, disse a jornalista Isabela Reis, que assina o principal texto desta edição do relatório.

Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-03/cada-24-horas-ao-menos-oito-mulheres-s%C3%A3o-vitimas-de-violencia> >. Acesso em: 07 jun. 2024.

Texto III

Abusos sexuais no mundo do cinema: quais as chances de uma verdadeira mudança?

O produtor Harvey Weinstein foi basicamente escorraçado da própria produtora, denunciado por uma lista de mulheres do calibre de Angelina Jolie e Gwyneth Paltrow e expulso da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas e da Guilda de Produtores da América. Tudo graças aos casos de assédio sexual e estupro que remontam há décadas finalmente vindo à tona desde outubro. A polícia de Nova York já tem uma investigação em curso a partir de tantas denúncias, e a chance dele ir para a cadeia é real.

Mesmo com essa ficha, uma grande interrogação pairou na cabeça de quem acompanha mais de perto as notícias do mundo do cinema quando as denúncias contra Weinstein tomaram uma proporção gigantesca: quantos mais vão cair em desgraça como o magnata? Ou melhor, alguém de fato vai cair? Afinal de contas, burburinhos e fofocas sobre relações de poder nada corretas na indústria cinematográfica nunca foram novidade.

O efeito dominó, porém, mostrou-se plausível em 2017. Num movimento praticamente sem precedentes, começamos a ver outros casos de toda sorte de homens do ramo sendo acusados de algum tipo de abuso, com as vítimas finalmente sendo ouvidas e as mulheres perdendo o medo de denunciar que o assédio moral e sexual em Hollywood não é novidade e nem exclusividade do caso Weinstein.

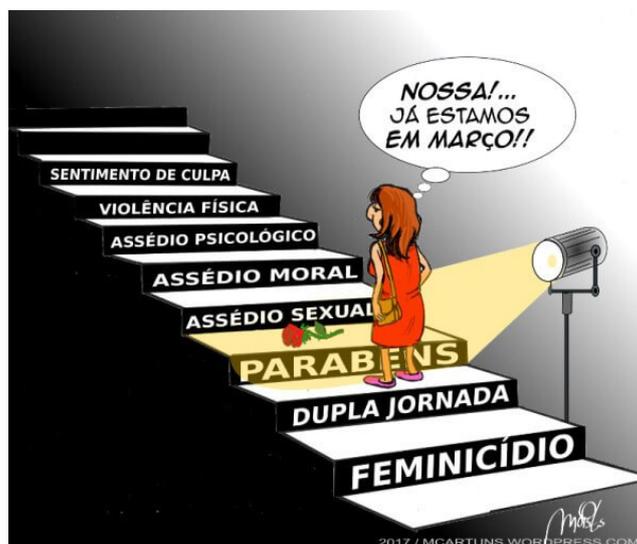
Os diretores Oliver Stone, Brett Ratner, Lars Von Trier e Giuseppe Tornatore; os atores Kevin Spacey, Ben Affleck, Dustin Hoffman, Danny Masterson, Jeffrey Tambor e Steven Seagal; e o agente Adam Venit são alguns dos que sofreram os efeitos da promessa de uma nova direção à maneira como a indústria hollywoodiana encara o assédio às profissionais mulheres pós-caso Weinstein. E a lista só aumenta.

[...]

As denúncias, aliadas a um front cada vez maior de mulheres, parece apontar para uma perspectiva de mudanças nas condições de trabalho delas em Hollywood e para além do mundo do cinema também. No domingo (12), centenas de pessoas marcharam no distrito de Los Angeles contra o tratamento indigno às mulheres, seguindo um trajeto que seguia do Hollywood Boulevard e Highland Avenue, passando pela Calçada da Fama e chegando aos escritórios da CNN. Intitulada #MeToo, a marcha se posicionou a favor das vítimas de abuso sexual e contra a cultura permissiva de assédio às mulheres.

Disponível em: <<http://www.cineset.com.br/abusos-sexuais-no-mundo-do-cinema-quais-as-chances-de-uma-verdadeira-mudanca/>>. Acesso em: 07 jun. 2024. Adaptado.

Texto IV



Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/laranja-e-feminicidio-mostram-um-brasil-que-nao-respeita-suas-mulheres/>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

Texto V**Tipos de violência contra a mulher**

Existem diferentes formas de violência contra a mulher das quais destacamos a violência intrafamiliar ou doméstica, violência física, sexual, psicológica, moral, patrimonial e institucional. A violência intrafamiliar é uma forma que muitas mulheres são submetidas, e ocorre entre os membros da família, independentemente se o agressor mora na mesma casa ou não.

[...] A violência doméstica está presente em diferentes classes econômicas, entre casais heterossexuais e também homossexuais. Em menor número, também há casos de violência doméstica contra homens. É por esse motivo que a denominação de violência contra a mulher passou a ser violência conjugal, abrangendo assim, os homens.

[...] Violência física é qualquer agressão que se dê sobre o corpo da mulher. Pode se dar por meio de empurrões, queimaduras, mordidas, chutes, socos, pelo uso de armas brancas ou de fogo.

[...] A violência sexual é qualquer ato onde a vítima é obrigada, por meio de força, coerção ou ameaça, a praticar atos sexuais degradantes ou que não deseja. Este tipo de violência também pode ser feito pelo próprio marido ou companheiro da vítima. O Brasil registrou 1 estupro a cada 11 minutos em 2015, atualmente são 3 vítimas a cada 11 minutos. São os Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Ipea, os mais utilizados sobre o tema.

[...] Violência psicológica e moral é a violência que se dá no abalo da autoestima da mulher por meio de palavras ofensivas, desqualificação, difamação, proibições, etc.

A violência patrimonial é qualquer ato que tem por objetivo dificultar o acesso da vítima à autonomia feminina, utilizando como meio a retenção, perda, dano ou destruição de bens e valores da mulher.

Violência institucional é qualquer ato constrangedor, fala inapropriada ou omissão de atendimento realizado por agentes de órgãos públicos prestadores de serviços que deveriam proteger as vítimas dos outros tipos de violência e reparar as consequências por eles causados.

Disponível em: < <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/11306/Violencia-domestica-e-familiar-o-impacto-na-relacao-com-a-Lei-Maria-da-Penha> >. Acesso em: 07 jun. 2024.

O objetivo a ser alcançado com a atividade é promover a reflexão dos alunos em torno de situações de violência possivelmente vividas ou presenciadas por eles, de maneira a conscientizá-los e prevenir que sofram, participem ou até mesmo causem situações similares no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero FC, como uma das vertentes que habitam o campo do fantástico, seja na literatura ou nas telas de cinema, promove reflexões sobre o impacto da ciência ou elementos a ela relacionadas sobre a vida dos indivíduos na esfera individual ou social. Neste caso, uma obra de FC deve causar ao leitor o que ele chama de “estranhamento cognitivo”, ou seja, a presença de elementos irrealis, estranhos ao mundo real, o qual o leitor habita.

Dentro desse quadro, este projeto foi articulado na tentativa de estabelecer caminhos para aulas no Ensino Médio, a fim de contextualizar o aluno, a partir da literatura e do cinema, sobre situações que envolvem a violência contra o feminino. Nesse sentido, buscou-se propor

soluções para essa problemática tão presente nos dias atuais e, infelizmente, perpetuada ao longo da história.

Concluiu-se, portanto, que a FC, em especial a FC cyberpunk, é uma importante ferramenta educacional, uma vez que, ao apresentar uma proposta de debate, também informa e alerta seu espectador. Nesse tocante, o cyberpunk é um ótimo representante do gênero, pois apresenta elementos que questionam desigualdades, propõe novas fórmulas sociais e a desconstrução de padrões, como por exemplo, os andróides, estudados neste artigo através dos personagens retratados no filme *Blade Runner: Caçador de Andróides*. No filme, os andróides mulheres são, em sua maioria, criadas com funções ligadas à satisfação do prazer masculino.

A ficção científica, considerada um meio de causar estranhamento ao público espectador ao propor reflexão da relação do ser humano com a ciência e seus produtos, é composta por narrativas que abordam a vida da sociedade em um cenário marcado pelos avanços da ciência e da tecnologia. O gênero, então, utiliza dessa ferramenta para exagerar elementos presentes na vida real ou criar novos, de maneira a colocar à frente das pessoas seus maiores medos, dentre eles a perda de sua identidade humana para a tecnologia.

Dessa forma, a FC é capaz de criticar socialmente os mecanismos que estruturam a vida em sociedade, mostrando-se elemento de grande valor para abertura do diálogo em torno de temas polêmicos. Com isso, provando seu valor como estratégia de debate no ambiente escolar em busca da conscientização dos alunos acerca de situações como a violência contra a mulher, que muitas vezes não é identificada pela vítima, seja pela falta de informações, seja pela imposição a situações de submissão.

O filme *Blade Runner*, ao mostrar uma cena violenta em que a violência cometida pelo caçador de andróides Deckard contra a ginoide/replicante Rachel, momento esse romantizado e, talvez por isso, até mascarado, traz o importante debate sobre a violência naturalizada. A análise da cena mediante a atividade proposta em sala de aula pode, então, conscientizar os alunos sobre o caráter duvidoso de certas situações, informando e prevenindo que se tornem vítimas ou até mesmo protagonistas de atitudes violentas, principalmente contra mulheres.

O propósito desta pesquisa, então, enquanto demonstração de que a FC, em especial a FC Cyberpunk, pode ser utilizada como ferramenta educacional de combate à violência contra as mulheres é válida e tem condições de corroborar com a hipótese de que a educação tem o poder de transformar toda uma sociedade, como esta pesquisadora, enquanto mulher, mãe, pesquisadora, professora e futura mestre, acredita, por mais utópico que possa parecer.

REFERÊNCIAS

ABREU, Zina. Luta das mulheres pelo direito de voto: movimento sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. **Arquipélago – História**, 2ª série, v. 6, p. 443 – 469. 2002. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/380>. Acesso em 08 maio 2024.

AMARAL, Adriana. Espectros da ficção científica – a herança sobrenatural do gótico no cyberpunk. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, RS, v. 18, n. 38, ago. 2004. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7324>. Acesso em: 27 mai. 2023.

BARR, Marleen. **Alien To Femininity: Speculative Fiction a Feminist Theory**. Westport, CT: Greenwood Press, 1987.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, 1982. DVD (117 min), widescreen, color. Produzido por Warner Video Home. Baseado na novela “Do androids dream of electric sheep?” de Philip K. Dick.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP. **A Redação no ENEM 2023**. Cartilha do Participante, Brasília, 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FEATHERSTONE, Mike; BURROWS, Roger. **Cyberspace, Cyberbodies, Cyberpunk**. Londres: Sage, 1996.

FERNANDES, Luana Aparecida Matos Leal. A escrita na prova de redação do Enem: um olhar sobre a prática docente. **Anais do SIELP – Volume 5, Número 1, 2019**. Disponível em: <https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/arquivos/anais2019/110.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2024.

FERREIRA, Tayná da Silva; CÚNICO, Sabrina Daiana; FERREIRA-PRATA; Paula Andréa; PATIAS, Naiana Dapieve. “O que é Feminismo?” Percepções de adultas/os brasileiras/os. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29697>. Acesso em 08 maio 2024.

FRASER, Nancy. Feminismo, capitalismo e a astúcia da história. *IN*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do tempo. 2019. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras_digitalizadas/heloisa-buarque-de-holland-pensamento-feminista_-conceitos-fundamentais-bazar-do-tempo-_2019_.pdf. Acesso em 08 maio 2024.

FREEDMAN, Carl. Science Fiction and the Triumph of Feminism. **Science Fiction Studies**, v. 27, jul.2000. Disponível em: https://www.depauw.edu/sfs/review_essays/freedman81.htm. Acesso em: 27 mai. 2024.

HARAWAY, Donna. **A Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1980s**. New York: Routledge, 1989.

HELDRETH, Leonard G. Close Encounters of the Carnal Kind: Sex with Aliens in Science Fiction. In: PALUMBO, Donald. **Erotic Universe: Sexuality and Fantastic Literature**. Nova Iorque: Greenwood Press, 1986.

LEMOS, André. Ficção Científica Cyberpunk: O Imaginário da Cibercultura. **Conexão - Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 9-16, 2004. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/71>>. Acesso em: 03 mai. 2024.

MCCARRON, Kevin. Corpses, Animals, Machines and Mannequins: the body and cyberpunk. In: FEATHERSTONE, Mike; BURROWS, Roger. **Cyberspace Cyberbodies Cyberpunk**. Londres: Sage, 1996.

PUHL, Paula; AMARAL, Adriana. O feminino na tecnologia - uma proposta de leitura dos andróides de Blade Runner a partir de Donna Haraway. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, p. 1-16, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=768>. Acesso em: 04 mai. 2024.

REID, Robin Anne. **Women in Science Fiction and Fantasy**. Westport: Greenwood Press, 2009.

ROBERTS, Adam. **The History of Science Fiction**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2006.

ROCQUE, Lucia de La; TEIXEIRA, Luiz Antônio. Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. **História, Ciência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 11-34, jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702001000200001&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 11 abr. 2024.

SAFFOU, Mazin. Cartesian Dualism and the Orgasmatron: Interiority and Eroticism. In: MATHER, Philippe; RHEAULT, Sylvain. **Rediscovering French Science-Fiction in Literature, Film and Comics: From Cyrano to Barbarella**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

SILVA, Alexander Meireles da. **ALIEN é Ficção Científica ou Terror? (40 anos de Alien)**, 2019b. (10m34s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tkK_e9Ns54&list=PLChLc0R2ozufAkYAhfDfi7xXxytNIYc_t>. Acesso em: 11 abr. 2024.